

A FORMA E O MODERNO: ALGUMAS VISÕES SOBRE O ESTUDO DA FORMA NA HISTORIOGRAFIA MODERNA

ALQUATI, Paula Mello Oliveira¹; GONSALES, Célia Helena Castro²

¹Arquiteta e Urbanista. Mestranda do Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo Universidade Federal de Pelotas – paulalquati@gmail.com 1

²Arquiteta e Urbanista, Dr. Professora do Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo Universidade Federal de Pelotas – celia.gonsales@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

A historiografia do chamado movimento moderno foi construída tendo como base uma interpretação determinista e cientificista dos feitos arquitetônicos. Desse modo, a nova arquitetura era um inevitável produto dos novos materiais, das condições técnicas, sociais e intelectuais da época mediada por estritos princípios racionalistas. Uma abordagem formal, quando havia, era realizada a partir da influência direta desses fatos. O olhar contemporâneo aceitou a autonomia dos aspectos formais e a forma adquiriu uma posição fundamental - e principal - da análise em arquitetura. Dentro desse contexto, este trabalho pretende avaliar com um olhar mais atento, os aspectos formais que de fato eram abordados pelos historiadores “modernos” e o quanto suas categorias de análise diferem das utilizadas por autores contemporâneos.

Este estudo se concentra na área de teoria e crítica da arquitetura, e sua construção se vale de dois momentos: no primeiro, se identifica categorias contemporâneas de análises em arquitetura para fins de balizamento e comparação, e no segundo, se verifica elementos de análise utilizados pela historiografia operativa¹ da arquitetura moderna em dois momentos distintos: a do entre guerras e a do segundo pós-guerra.

CLARK; PAUSE (1997), e BAKER (1991; 1998), – cujas categorias de análise se constituirão como base para este estudo – já se tornaram clássicos em sua interpretação da arquitetura a partir de um ponto de vista onde a forma tem um papel preponderante. Na obra desses autores, por se tratar especificamente de livros de análise arquitetônica, as categorias/descriptores foram apresentadas já de modo explícito, facilitando seu processo de classificação e organização.

Dentro do conjunto de historiadores que auxiliaram a construir e consolidar um discurso da arquitetura moderna foram abordados neste estudo PEVSNER (1936), e GIEDION (1941), que, ao lado de outros nomes como HITCHCOCK (1932), ZEVI (1948)² e BENÉVOLO (1960)³, foram responsáveis pela primeira leva de autores praticamente contemporâneos a este movimento, considerados historiadores operativos da arquitetura moderna.

Ainda no momento de produção da arquitetura moderna, no entanto em um período um pouco posterior, surgiram outros historiadores, especialmente nas décadas que se seguiram à segunda grande guerra, com uma visão já imbuída de outros elementos e de uma leitura da história como uma operação que auxiliasse na prática de projeto, como BANHAM (1960), e COLLINS (1965).

¹ Chama-se aqui historiografia operativa aquela que se dedica a defender/criar a ideologia de um grupo específico. Esses autores passaram a dar um maior destaque a movimentos, personagens e obras até então negligenciados e contrapor-se aos elementos da história e da crítica convencional.

² Os anos que aparecem entre parêntesis nessa seção são os da edição original, que podem ser vistos nas referências. Estas não necessariamente foram as edições consultadas para a construção do texto.

³ Embora Benévolo tenha escrito seu livro em 1960, mostra uma visão bastante determinista da história que o alinha aos primeiros historiadores.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se utilizou de procedimentos bibliográficos e documentais (GIL, 2008), posto que a bibliografia, neste caso, serviu de apoio documental para subsidiar uma análise de conteúdos (BARDIN, 2002).

Inicialmente foram analisados livros de referência em análises arquitetônicas contemporâneas, CLARK; PAUSE (1997), e BAKER (1991; 1998), dos quais se extraíram categorias de análise da forma na arquitetura.

Tendo como base as categorias extraídas dos autores contemporâneos, procurou-se identificar quais estavam presentes nos escritos dos arquitetos modernos (PEVSNER, 1962; GIEDION, 2004; BANHAM, 2006; COLLINS, 2001), suas proximidades e diferenças, a fim de compreender quais elementos formais eram utilizados já desde os pioneiros e quais foram incorporados posteriormente. Buscou-se compreender, ainda, quais classes de categorias prevaleciam em cada um desses autores, de modo a compará-los e procurar traçar um perfil de permanências ou alterações de determinadas visões.

Para verificar os elementos trazidos por cada um dos autores selecionados neste artigo, foram realçados todos os descritores de obras/projetos de arquitetura utilizados por cada um deles e organizados da mesma maneira que os autores contemporâneos aspectos formais e construtivos/ funcionais. A partir dessa classificação, foi possível obter um panorama de quais elementos foram privilegiados em cada um dos autores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pevsner e Giedion fazem parte da primeira geração de historiadores da arquitetura moderna, os quais auxiliaram na construção dos pressupostos da própria ideia de uma arquitetura moderna como parte de um movimento ordenado e sistematizado (DE PAOLI, 2009). Esses autores protagonizaram o processo de difusão e consolidação dos ideários presentes no discurso arquitetônico que eclodia no período.

Em uma primeira vista imaginou-se que esses autores, por fazerem parte do primeiro momento da historiografia moderna, se encaixassem nos discursos deterministas que tentavam consolidar uma nova arquitetura e procuravam se estabelecer de modo desconectado das questões formais que os aproximaria da tradição acadêmica.

A partir dos elementos encontrados na análise desses autores, se observa uma predominância de elementos de análise voltados a questões formais – em relação a outros como os construtivos e funcionais –, em especial àquelas que levam à conformação dos objetos arquitetônicos, diferentemente do que foi anteriormente prospectado. Adquirem importância também os aspectos de organização dos elementos no projeto.

Em GIEDION (2004) o que predomina nos aspectos formais é a organização sobre a conformação. Os aspectos de deformação apresentam-se de modo mais evidente que em PEVSNER (1962), e apresenta a nova categoria de interação dos elementos. Do mesmo modo, os aspectos construtivos/ funcionais aparecem de forma secundária nas análises.

Os quatro autores da arquitetura moderna analisados podem ser considerados como integrantes da chamada historiografia operativa deste movimento. Ainda que possuam uma lógica argumentativa amparada em critérios semelhantes, não fazem parte de um mesmo momento histórico e teórico. BANHAM (2006) e COLLINS (2001) surgem em um contexto de mudanças e de

crise do movimento moderno, apresentando elementos já mais mediados pela crítica que os primeiros autores estudados.

Em BANHAM (2006), assim como em GIEDION (2004), a organização aumenta de importância em relação aos aspectos de conformação, embora sejam praticamente equivalentes em número de aspectos analisados. Por outro lado, observa-se um crescimento nos aspectos construtivos/ funcionais, que se imaginava que predominariam justamente nos autores da primeira fase e que não se confirmou. Apresenta também uma maior quantidade de aspectos de deformação que os outros autores, já apontando para uma maior proximidade com os autores contemporâneos.

Como nos outros autores que podem ser chamados modernos, COLLINS (2001) não apresenta uma sistemática explícita de análise de projeto, mas ainda assim podem ser observados alguns elementos ou categorias de análise. Alguns elementos se tornam constantes e se repetem nas descrições apresentadas. Por conta dessa organização não explícita, não se podem identificar grandes categorias que possam ser subdivididas.

4. CONCLUSÕES

Ainda que os textos da arquitetura moderna deem ênfase às questões racionais em detrimento das formais, a análise de obras de autores como PEVSNER (1936), BANHAM (1941) e COLLINS (1965), evidencia a presença expressiva de análises de obras a partir de elementos formais, bem como a correlação entre a produção artística e a arquitetônica no mesmo período e as repercussões do modo de organização de uma sobre a outra.

Pôde-se perceber neste estudo, que as categorias de análise formal encontradas nos historiadores modernos não diferem tanto das utilizadas na atualidade. Análises pautadas em questões formais já estão presentes no vocabulário de historiadores tão pioneiros como Pevsner e Giedion, assim como em Banham e Collins.

Os quatro autores considerados operativos têm em comum uma análise ou argumentação estruturada com base em critérios formais e, ainda, amparada em elementos da arte moderna, mesmo que pertençam a momentos teóricos e históricos distintos.

Quando se fala em uma historiografia “pós-crise” e a análise passa a ser conformada a partir de precedentes ou tipos, surgem autores como CLARK; PAUSE (1997) e BAKER (1991;1998) que, apesar de aparentemente conformarem uma visão discrepante dos autores modernos, uma vez que se baseariam em outros critérios, apresentam uma sistemática que novamente conflui para os elementos presentes nos autores mais “clássicos”.

Este estudo foi de grande importância no sentido de estruturar uma nova proposta de análise arquitetônica baseada principalmente em critérios formais e em uma visão moderna da forma na arquitetura. Ele serviu para desmistificar a opinião de que produção/análise arquitetônicas pautadas nesse tipo de critérios não seriam válidos para compreender a conformação da arquitetura moderna, uma vez que se organizaria a partir de um pensamento exógeno e descontextualizado dessa arquitetura.

Neste ponto, ele foi extremamente importante para amadurecer estes critérios na conformação da pesquisa para a dissertação de mestrado, que ainda está em andamento e demanda questões de análise e crítica da arquitetura moderna baseada em pressupostos formais e vinculada às vanguardas construtivas modernas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- BANHAM, Reyner. Theory and Design in the First Machine Age, 1960. Edição consultada: BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BAKER, Geoffrey. **Análisis de la forma: urbanismo y arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1991.
- _____. **Le Corbusier: uma análise da forma**. São Paulo: Martins Fontes: 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENEVOLO, Leonardo. Storia dell'architettura moderna, 1946. Edição consultada: BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CLARK, Roger; PAUSE, Michael. **Arquitectura: temas de composición**. 3ª ed. México D.F.: Gustavo Gilli, 1997.
- COLLINS, Peter. Changing Ideals in Modern Architecture, 1750-1950, 1965. Edição consultada: COLLINS, Peter. **Los ideales de la arquitectura moderna: su evolución (1750-1950)**. 5ª ed. Colección GG Reprints. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.
- DE PAOLI, Paula Silveira. **Nikolaus Pevsner: o artífice do Movimento Moderno enquanto objeto historiográfico**. In: 8º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2009, Rio de Janeiro.
- GIEDION, Sigfried. Space, Time and Architecture, 1941. Edição consultada: GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e Arquitetura: O desenvolvimento de uma nova tradição**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HITCHCOCK, Henry-Russell & JOHNSON, Philip Cortalouou. **The International Style: Architecture since 1922**. New York: W. W. Norton & Company, 1932.
- PEVSNER, Nikolaus. Pioneers of the modern movement, 1936. Edição consultada: PEVSNER, Nikolaus. **Pioneros del Diseño Moderno: de William Morris a Walter Gropius**. 3ª ed. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1962.
- ZEVI, Bruno. Saper vedere l'architettura, 1948. Edição Consultada: ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.